

UFPBNDiHR

TEXTOS

UFPBNDiHR

TEXTOS

UFPBNDiHR

TEXTOS

UF HR

1986: A VITÓRIA DO PMDB

MARIA ANTONIA ALONSO DE ANDRADE

TEXTO UFPB/NDIHR Nº 19

OUTUBRO/87

UFPBNDiHR

## SUMÁRIO

01. Introdução
02. As previsões
03. Composição de forças e representação de interesses
04. Os resultados das eleições majoritárias
05. A bancada federal
06. A Assembléia Legislativa
07. As causas da vitória
08. Fatores de mudança

### Anexos

Tabela nº 01 - Eleições para Governador do Estado. Relação de Municípios onde o PDS-PFL (Aliança Trabalhista Liberal) foi majoritário. Por microregiões e regiões Fisiográficas. 1986.

Tabela nº 02 - Eleições para o Governo do Estado. Classificação dos municípios onde o PDS-PFL (Aliança Trabalhista Liberal) foi majoritário. Por microregiões. 1986.

Tabela nº 03 - Votação para o Governo do Estado de Tarcísio de Miranda Burity - Maiores votações. Por zonas Eleitorais em números absolutos e em % sobre o total de votantes. 1986.

Tabela nº 04 - Votação para o Governo do Estado de Marcondes Gadelha - Maiores votações. Por zonas Eleitorais em números absolutos e em % sobre o total de votantes. 1986.

Tabela nº 05 - Votação para o Senado de Humberto Lucena. Maiores votações por Zonas Eleitorais em números absolutos e em % sobre o total de votantes. 1986.

Tabela nº 06 - Votação para o Senado de Raimundo Lira. Maiores votações por Zonas Eleitorais em números absolutos e em % sobre o total do número de votantes. 1986.

Tabela nº 07 - Votação para o Senado de Wilson Braga. Maiores vo-  
tações para a Senatória por Zonas Eleitorais, em  
números absolutos e em % sobre o total do numero  
de votantes. 1986.

Tabela nº 08 - Votação para o Senado de Wilson Braga. Maiores vo-  
tações por Zonas Eleitorais proporcionalmente ao  
nº de votantes, especificada por microregiões e  
zonas fisiográficas. 1986.

Tabela nº 09 - Votação para o Senado de Wilson Braga, Raimundo  
Lira e Humberto Lucena nas Zonas Eleitorais onde  
Braga obteve maior votação. Em números absolutos  
e em % sobre o total de votantes. 1986.

Tabela nº 10 - Votação para o Senado de Wilson Braga, Raimundo  
Lira e Humberto Lucena nas Zonas Eleitorais onde  
Wilson Braga obteve proporcionalmente maior vota-  
ção. Por Zonas Eleitorais e em % sobre o total de  
votantes.

- Mapa do Estado da Paraíba. Eleições para o Governo do Estado  
Localização por Microregiões Homogêneas dos Municípios em que  
Marcondes Gadelha (Aliança Trabalhista Liberal) foi majorita-  
rio. 1986.

## INTRODUÇÃO

As forças políticas que disputaram o pleito de 1986, foram a Coligação Democrática Popular (PMDB, PC do B, PCB e PSE), a Aliança Trabalhista Liberal (PDS, PFL, PTB, PDC e PMB), o PT e o PL.

Apesar do pluripartidarismo, o embate se deu, mais uma vez, nos moldes bi-partidários entre as duas grandes coligações através das quais se defrontaram as principais forças políticas paraibanas configuradas após as eleições de 1982: o PMDB e o braguismo, que controlava o PDS e o PFL.

Esdruxadamente, o candidato a governador pela Coligação Democrática Popular foi Tarcísio de Miranda Burity - ex-governador biônico do PDS em 1982 - enquanto que seu oponente, lançado pela Aliança Trabalhista Liberal, era o ex-deputado federal do PMDB ortodoxo, senador Marcondes Gadelha, que se passara para o PDS em 1982, elegendo-se senador por esta legenda.

Em 1982, Burity elegera-se deputado federal pelo PDS, com a maior votação da história paraibana, despontando assim como uma nova liderança no horizonte político, capaz de competir com Wilson Braga que, no mesmo pleito, consolidara a sua máquina político-partidária, elegendo-se governador com expressiva votação.

Nada parecia capaz de abalar o pedessismo no Estado e, ainda menos, o esquema braguista. Mudanças na Conjuntura Nacional provocadas pelo surgimento da Nova República modificariam o quadro político estadual.

"Como os outros governadores nordestinos, Braga apoiava Andreazza como candidato à Presidência da República via colégio Eleitoral, porém foi o único que apoiou Maluf no confronto com Tancredo Neves, quando o primeiro venceu Andreazza na convenção partidária.

Tarcísio Burity, atritado pessoal e politicamente com o governador, passou a liderar a formação do PFL no Estado, apoiando Tancredo Neves desde a primeira hora, em aberta oposição a Braga, reforçando a sua liderança e convertendo-se em aliado pessoal do PMDB.

Com a morte de Tancredo e a ascensão de Sarney à Presidência da República, a Aliança Democrática tornou-se fundamental para dar suporte político à Nova República.

Na procura de apoio político, sem o prestígio de Tancredo Neves, Sarney fazia alianças no Nordeste com os detentores dos mais fortes esquemas políticos. Na Paraíba, Braga, após ter desfrutado das benesses do antigo sistema até o fim, ingressaria no PFL, arrebatando a liderança do partido das mãos de Burity, alinhando-se com a Nova República, porém permanecendo líder tanto do PDS como do PFL no Estado. O esquema político de 1982 permanecia intacto sob a sua chefia, com exceção de Burity que, ingressando posteriormente no PTB, transformou-se numa liderança suscetível de polarizar qualquer tendência anti-braguista." (1)

Assim, nas eleições municipais de 1985, a Aliança Democrática incluiu também o PDS, motivo pelo qual foi denominada popularmente de "acordão". No caso a Aliança Democrática significava uma coligação entre as duas tradicionais forças políticas rivais na Paraíba: o PMDB e o PDS-PFL braguistas.

O PMDB julgava que, em 1986, perderia mais uma vez o governo estadual a não ser que se aliasse ao esquema de Wilson Braga, que controlava 134 das 171 prefeituras. O "acordão" de 1985 visava tornar extensiva a coligação a 1986.

---

1 As eleições municipais de 1985 em João Pessoa.  
Maria Antonia Alonso de Andrade. João Pessoa, Textos NDIHR, 1987

Tal decisão provocou uma dissidência no PMDB, que formou outra coligação, a Frente Democrática, junto com o PTB - onde já tinha se abrigado Burity - e com o PC do B.

Apesar da diferença brutal de forças, a margem de vitória da Aliança Democrática foi apenas de 8 % da votação total. Diferença irrisória, considerando não só o gigantismo das forças da Aliança, como também a forte tradição oposicionista da capital.

No dia seguinte a divulgação dos resultados, Burity se proclamava candidato a governador em 1986 pelo PTB.

O prestígio político de Wilson Braga ficou arranhado já que a votação nos bairros populares, supostamente seus principais redutos políticos na capital, foi, comparativamente, bem inferior a dos bairros de classe média e alta, redutos típicos do PMDB.

Face ao pleito de 1986, o governismo não dispunha de um candidato de porte, sobre o qual houvesse um consenso partidário.

O PMDB tinha o Senador Humberto Lucena, que controlava a máquina partidária, e que, pela sua militância, era tido como o "candidato natural" para disputar a cabeça da chapa.

Porém, problemas de saúde enfrentados pelo senador, deslançaram uma discussão interna no partido sobre a conveniência de sua candidatura. Ficou reforçada a posição daqueles que consideravam que com Lucena o partido caminhava para a derrota.

A partir deste momento, um grupo de lideranças peemedebistas - entre as quais Mario Silveira, João Agripino e Antônio Mariz - começaram a trabalhar dentro do partido para que Burity fosse indicado candidato a governador pelo PMDB, em lugar de Humberto Lucena.

Houve um movimento dentro do PMDB contrário à candidatura de Burity. Uma lista de assinaturas a favor de Humberto Lucena foi publicada nos jornais. Porém, Lucena já desistira de sua candidatura desestimulado pelas chefias interioranas que, em número significativo, afirmaram que, caso Lucena decidisse se candidatar, o apoiariam, embora estivessem convencidos da derrota. (2)

A renúncia de Lucena provocou um certo mal estar em Campina Grande, onde Ronaldo Cunha Lima desistira de suas pretensões ao governo do Estado por acreditar que a candidatura de Lucena seria mantida. Assim sendo, fizera uma espetacular declaração pública ao povo campinense prometendo ficar à frente da Prefeitura de Campina Grande. Como àquelas alturas o prazo para se desincompatibilizar do cargo já tinha se esgotado, as pretensões políticas de Cunha Lima ficariam mais uma vez adiadas. Em compensação, o partido apoiaria a candidatura de seu filho de apenas 23 anos, Cássio, para a Câmara Federal.

Campina Grande seria também contemplada com a indicação de Raimundo Asfora para a vice-governança na chapa encabeçada por Burity, finalmente indicado pela convenção do partido.

A Aliança Trabalhista Liberal indicara para disputar a governança o nome do vice-governador, industrial José Carlos da Silva, que terminou renunciando à candidatura. A chapa definitiva ficou formada por Marcondes Gadelha para Governador e Marcus Odilon Ribeiro Coutinho. (3)

Pela Coligação Democrática Popular, disputariam a Senatória Humberto Lucena e o empresário campinense Raimundo Lira que, novato na política, entrava na chapa com forte suporte financeiro.

---

2. Depoimento de Solon Benevides, em 17.11.87.

3. Em 1985 Marcus Odilon disp tava pela oposição, a prefeitura da capital. Tendo demonstrado boa performance eleitoral, apesar de derrotado, foi chamado por Braga, que negociou sua adesão ao esquema governista.

Wilson Braga era o candidato favorito ao Senado pela Aliança Trabalhista Liberal. 94)

4. Os outros candidatos eram Maurício Brasilino Leite, João Bosco Barreto e Otávio Pires de Lacerda.

### As previsões

Burity transformou-se numa espécie de catalizador do anti-braguismo. Passou a ser visto como a única liderança capaz de enfrentar com êxito o esquema governista.

Quando a campanha começou, todas as pesquisas, inclusive o IBOPE, indicavam que Burity seria vitorioso nas principais cidades e municípios do estado. Pesavam fortemente a seu favor dois fatores:

1º. A gratidão do povo sertanejo pela ajuda da emergência recebida do ex-governador na seca de 1982. Na ocasião, o governo federal suspendera as verbas da emergência e Burity, então governador do Estado, sustentou os emergenciados, durante vários meses, com recursos estaduais; (5)

2º. O prestígio político ganho durante a campanha nacional pelas eleições diretas, quando apoiou Tancredo Neves.

O que as pesquisas não previam, ao menos nunca publicaram, foi a derrota de Wilson Braga, que era considerado imbatível, e apesar do forte desgaste sofrido com a divulgação pela imprensa - local e nacional - das acusações de crimes e corrupção contra a sua administração.

Tanto é assim que, quando as pesquisas mostraram a boa performance de Raimundo Lira, que ultrapassava a votação de Humberto Lucena, este foi apontado como provável perdedor, e não Braga.

---

5. Segundo o depoimento de lideranças do PMDB ortodoxo, os Sertanejos explicitaram, durante a campanha, seu agradecimento com demonstrações de verdadeiro fanatismo. Muitos verbalizavam: "O senhor nos tirou da miséria, só não morri de fome graças ao senhor, por isso o meu voto é seu..."

Depoimento de Mário Silveira em 10-XI-86 e de Solon Benevides em 17-II-87.

O próprio PMDB que, como estratégia para derrotar Braga, indicava à população que votasse nos dois senadores do PMDB, no fundo não acreditava que pudesse vencer Braga.

O PT e o PL esperavam eleger um Deputado Estadual, o que não conseguiram.

Na Paraíba, o PL é ligado à comunidade protestante, que é bastante numerosa. O partido obteve uma relativa boa performance nas eleições municipais de 1985, já que, recém-fundado, obteve melhor votação que o PT nas então duas Zonas eleitorais da capital.

## Composição de forças e representação de interesses

A composição de forças foi praticamente a mesma que em 1982, ou seja, os grandes grupos econômicos, o grande latifúndio, a agro-indústria, estavam predominantemente na Aliança Trabalhista Liberal:

Um sumário levantamento entre os candidatos à Constituinte pelas duas grandes coligações mostra um peso considerável dos representantes do empresariado. Entre os candidatos, havia pelo menos nove empresários, 5 na Coligação e 3 na Aliança. Com exceção de um, eram também proprietários rurais ou tinham empresas rurais.

Dos seis latifundiários - 4 do PMDB, 1 do PDS e 1 do PFL - três eram também proprietários urbanos e um, proprietário urbano e empresário, vinte e um eram proprietários urbanos, 13 da Coligação e 8 da Aliança. Dez eram proprietários rurais ou agropecuaristas, 6 da Coligação e 4 da Aliança. Com exceção de dois, todos os outros eram também empresários rurais e/ou urbanos e/ou proprietários urbanos. Apenas sete eram assalariados, 4 da Coligação e 3 da Aliança. Apenas um era funcionário público.<sup>(5)</sup>

Esta composição reflete bem uma característica da classe dominante paraibana: a de ter o controle de áreas economicamente diversificadas. o grande proprietário rural é, com frequência, também industrial (agro-indústria) e/ou comerciante e/ou proprietário urbano.

---

5. Os dados básicos foram fornecidos pela Assessoria da Arquidiocese da Paraíba que publicou uma cartilha Eleitoral para orientar o voto popular face à Constituinte. Segundo depoimento de uma das Assessoras, só foram publicadas informações devidamente comprovadas.

A União Democrática Ruralista (U.D.R.) se confunde no Estado, em boa medida, com os interesses da agro-indústria ca<sup>na</sup>navieira. A entidade no Estado não se reveste da truculência que a caracteriza em áreas onde os conflitos de terra são mais dramáticos, como nas áreas de expansão de fronteiras. O discurso do grande proprietário, suas preocupações, a organização e funcionamento das propriedades, parecem aproximar-se mais do moderno módulo empresarial do que do típico padrão coronelístico do proprietário de terras. (6)

Perguntado sobre os candidatos confiáveis para o empresariado, entre os que concorriam à Câmara Federal, determinado agro-industrial, membro da diretoria da U.D.R., declinou os nomes de Joacil Pereira, Lis Bronzeado e João da Mata pelo esquema governista e Aluisio Campos e João Agripino Neto pela Coligação Democrática. O importante, afirmou, não é o partido, "o que interessa para nós (empresários) é alguém que saiba o que é uma sexta-feira". E esclareceu: "sexta-feira é o dia em que o trabalhador está à porta da fábrica esperando o pagamento".

Dos apontados como "confiáveis" para o empresariado, três se elegeram e um ficou na suplência.

Entre os senadores e deputados federais eleitos há 6 empresários, 5 na Coligação e um na Aliança, dois deles são também proprietários rurais. Cada coligação partidária eleger, respectivamente, um latifundiário para a Câmara Federal. Do total de eleitos, onze são proprietários urbanos, sete da Coligação e quatro da Aliança, e um é funcionário público. Nenhum assalariado foi eleito para a Constituinte.

---

6. Entrevista com o empresário da agro-indústria canavieira, Carlos Ribeiro Coutinho, em 6-XI-86.

Apenas uma mulher foi eleita para a Câmara Federal, D. Lúcia Braga, esposa do ex-governador Wilson Braga e ex-presidente da FUNSAT. (7)

Entre os deputados federais eleitos pelo PMDB, está Cássio Cunha Lima, estreante na política e um dos mais novos Constituintes brasileiros.

Nenhum dos pequenos partidos e nenhuma minoria social ou racial elegeu qualquer representante à Constituinte.

- 
7. Fundação Social do Trabalho, órgão assistencial criado por Dona Lúcia Braga, muito atuante na periferia da Grande João Pessoa. A votação de D<sup>a</sup> Lúcia para a Câmara Federal credita-se, em parte, a seu trabalho na FUNSAT.

## Os resultados das eleições majoritárias

A vitória da Coligação superou todas as expectativas. Burity obteve 755.625 votos, 54,58 % da votação total (incluindo votos brancos e nulos) contra 459.589 de Marcondes Gadelha (33,19 % do total).

Mais espetacular do que a vitória de Burity para o Governo do Estado, foi a surpreendente derrota de Wilson Braga, que obteve apenas 388.878 votos (14,04 % da votação total), número inferior aos votos brancos, que somaram 602.067 (21,74 %). A Coligação elegeu Lira e Lucena para o senado, com 615.533 e 607.266 votos, respectivamente.

Os resultados eleitorais de 1986 inverteram totalmente a situação política configurada no pleito de 1982, quando Mariz perdera o governo do Estado para Braga por 151.709 votos. Na grande João Pessoa, onde Mariz vencera por escassos 10.636 votos, Burity teve uma vantagem de 60.476 votos sobre Marcondes. Algo equivalente aconteceu em Campina Grande, onde Mariz obteve, em 1982, 8.230 votos de vantagem. Burity quase quadruplicou esta diferença, com uma vantagem de 30.533 votos sobre seu principal adversário.

O PMDB, que controlava apenas 37 municípios, venceu em 129 na votação para o Governo do Estado. O PDS-PFL venceu em apenas 42 municípios sem grande expressão eleitoral, com o apoio de Princesa Isabel e Teixeira, onde a votação foi pouco expressiva. Ressalte-se que a oposição venceu em muitos municípios controlados por chefias políticas tradicionais, de ranço coronelístico.

"O ex-governador Clóvis Bezerra perdeu em suas bases de Bananeiras, Dona Inês e Borborema pela primeira vez desde 1964. Seu filho, o deputado estadual Afrânio Bezerra foi vencido em Bananeiras pelo seu adversário Ramalho Leite em quase todas as urnas.

O usineiro Agnaldo Veloso Borges perdeu em Pilar pe

la primeira vez desde 1946", (8)

Também foi surpreendente a derrota de Marcondes Gadelha na sua própria cidade, Souza, onde perdeu por 6.463 votos, seu irmão Doca Gadelha, candidato a deputado estadual, ficou na 2ª suplência, sendo que foi bem menos votado, - no Estado e na Zona de Souza - do que seu maior opositor, Gilberto Sarmiento, também da Aliança, que ficou na 4ª suplência. Outro irmão de Marcondes, Selomão Benevides Gadelha, candidato a deputado federal, ficou na 3ª suplência.

A derrota dos Gadelhas foi também estrondosa em Fagundes (Agreste da Borborema) e Santa Cruz (Sertão de Piranhas), áreas onde mantinham influência política.

Em Conceição, sede política de Braga, onde seu pai é Prefeito - e chefe político há décadas - Marcondes venceu por minguados 510 votos, quando em 1982 Braga vencera com uma diferença de 3.208 votos. Marcondes perdeu também em Ibiara e Piancó, áreas de influência de Braga.

Em Cajazeiras, tradicional reduto governista e braquista - graças em parte a adesão à Coligação do candidato a deputado federal, Francisco Matias Rolim - Burity vitoriou-se com uma diferença de 9.996 votos, revertendo totalmente a situação de 1982, quando Braga ganhara por 10.773 votos de diferença.

Marcus Odilon perdeu em Santa Rita por 7.209 votos e em Juarez Távora por 466, cidades onde foi prefeito e onde detinha o controle eleitoral.

Fazendo um balanço, por Zonas eleitorais e/ou micro-regiões e/ou zonas fisiográficas, o que se percebe é uma total reversão dos resultados eleitorais de 1982. Naquela ocasião, a vitória do PDS se deu nos pequenos municípios interioranos que, somados, contrabalançaram as apertadas vitórias peemedebistas nos principais centros urbanos. Apesar da relatividade do corte co

ceitual rural/urbano, quando aplicado ao Estado da Paraíba, este corte funcionou eleitoralmente em 1982.<sup>(9)</sup>

Em 1986 a dicotomia rural/urbano desaparece.

A Coligação venceu nas 25 maiores cidades, com exceção de Areia, onde perdeu por apenas 546 votos.

As maiores vitórias de Burity nas áreas urbanas foram em João Pessoa - por uma maioria de 60.476 votos -, em Campina Grande - por maioria de 29.682 votos -, Patos - por maioria de 11.252 -, em Bayeux - por maioria de 10.301 -, Cajazeiras - por maioria de 9.996 -, Sapé - por maioria de 9.045 -, Souza - por maioria de 8.639 e em Santa Rita, por maioria de 7.209 votos. Observe-se que estas são as oito mais importantes cidades do estado, tanto sócio-econômica como eleitoralmente.

Pode-se dizer que a tendência oposicionista do voto urbano foi não só confirmada como consolidada.

Porém, desta vez, o voto rural também foi majoritariamente oposicionista. Em todas as zonas e microrregiões, o fenômeno é o mesmo: nos raros municípios em que se manteve a vitória do PDS-PFL, foi por uma margem insignificante em termos absolutos e, ainda mais, em relação às grandes vitórias pedessistas de 1982. O PMDB dobrou, triplicou, ou quintuplicou a margem de sua vitória de 1982 em muitos municípios.

O sertão continua sendo o último bastião governista, embora sensivelmente diminuído. 25 dos 42 municípios em que a Aliança ganhou são do Sertão, 4 do Seridó, 8 do Cariri, 4 do Agreste-caatinga, 2 do Litoral e 1 do Brejo. (ver tabelas nº 1 e nº 2).

Lucena e Mataraca, únicos municípios litorâneos onde a Aliança venceu, já eram controlados pelo PDS em 1982.

---

9 Dentre as 25 maiores cidades, o PDS só venceu em Cajazeiras e Souza. Ver a respeito Maria Antonia Alonso de Andrade. "Clientelismo e Máquina Estatal nas Eleições de 1982". In: Nordeste Eleições. Recife. Massangana. 1985.

Neste texto, utilizamos o termo "sertão" no seu sentido mais restrito, de acordo com a denominação geográfica das microrregiões homogêneas e/ou as zonas fisiográficas. Porém, no linguajar político nordestino, o termo sertão é utilizado também para designar zonas semi-áridas do seridó e do cariri. Neste sentido o sertão se contrapõe, como região geo-política à zona litorânea - brejeira. (10)

Dentro desta concepção ampla, ainda é mais significativa a votação do PDS-PFL no sertão.

Note-se que a Aliança não venceu em nenhum município do Curimataú nem do Agropastoril do Baixo Paraíba, venceu em apenas um do Brejo e em dois no Litoral, no Piemonte da Borborema, no Agreste da Borborema e no Seridó Paraibano. Dos 22 municípios que compoem os Cariris Velhos, a Aliança venceu em apenas oito.

É como se a votação do PDS-PFL fosse diminuindo à medida que nos afastamos do sertão. (ver tabela nº 3 e mapa em anexo).

Essa tendência, verificada na votação para o Governo do Estado, se confirma quando analisamos a votação para a Senatória por Zonas Eleitorais.

Fazendo uma comparação entre as maiores votações por zonas eleitorais, obtidas pelos dois senadores eleitos pela Coligação e por Wilson Braga, principal candidato à Senatória pela Aliança, verifica-se o seguinte:

1º) As maiores votações de Lira e Lucena, em números absolutos, coincidem com as das maiores cidades e zonas eleitorais. Não há, portanto, no voto um corte segundo a variável rural/urbano ou segundo as áreas geopolíticas sertão/brejo-litorânea. (11) Foram os mais bem votados em todas as áreas. (ver tabelas Nº 5 e 6)

10. Ver Maria Antonia Alonso de Andrade. Relações de Trabalho e Relações de Poder. Perfil de duas áreas geo-políticas. Seminário Sobre Relações de Trabalho e Relações de Poder - Mudanças e permanências. Fortaleza, mimeo, Nov. 1986.

11. A 4ª, 6ª, 7ª e 9ª maiores zonas eleitorais se situam no sertão. (ver anexo nº 1)

2ª) A votação de Braga na capital, Campina Grande e Santa Rita - onde obteve suas maiores votações em números absolutos - é bem inferior à dos seus adversários. Dentre as quatro outras Zonas onde ele foi bem votado, três são do Sertão. (Ver tabela nº 7).

Na votação em  $\frac{1}{2}$  sobre o total de votos em cada município de Braga, verifica-se a predominância do voto interiorano e especificamente sertanejo (Ver tabela nº 8).

Comparando a votação dos Senadores do PMDB com a de Braga, nas Zonas onde este último foi mais bem votado, observa-se o seguinte:

1) Na votação em números absolutos, Lira e Lucena ultrapassaram Braga em todas as Zonas, menos a de Teixeira, no Alto Sertão. (tabela nº 9).

2) Na votação em  $\frac{1}{2}$  sobre o total de votos de cada município Braga perdeu para Lira e Lucena em Santa Luzia, perde para Lira em Cabedelo e Piancó, onde praticamente empatou com Lucena.

Braga superou seus adversários do PMDB na Zona de Cabaçeiros - no Cariri - e nas Zonas sertanejas de Conceição, Coremas e Teixeira. (tabela nº 10).

### A Bancada Federal

A composição é exatamente inversa à de 1982, quando o PDS fez 7 deputados e o PMDB 5. Em 1986, o PMDB fez 7 deputados e o PDS-PFL, 5.

Apenas dois deputados do PMDB foram reeleitos: José Targino Maranhão e Aluísio Afonso Campos. A renovação da bancada foi mais formal do que substantiva.

Antônio Mariz, o deputado federal mais votado do Estado, retornou à Câmara Federal, depois de ter seu mandato interrompido, ao ser derrotado, em 1982, na campanha pelo Governo do Estado. João Agripino de Vasconcelos Maia, filho do ex-Ministro João Agripino, substituiu o próprio pai na Câmara Federal. Ambos, Mariz e João Agripino, pertencem a uma tradicional família oligárquica do Sertão. A votação de Mariz é mista: tem um componente oligárquico, que advém da votação do clã familiar, na microrregião 89 de Catoilé do Rocha, mas também detém um considerável contingente de votos ideológicos das áreas urbanas. João Agripino é estreante na política.

Cássio Cunha Lima, um dos mais novos constituintes do Brasil - 23 anos - é filho do Prefeito de Campina Grande. Representa os interesses do grupo Cunha Lima e substituiu o campinense Raimundo Asfora, que deixou a Câmara para ser vice de Burity na chapa do PMDB. É também estreante na política.

Edivaldo Motta, ex-deputado estadual pelo PMDB, sempre teve um fácil trânsito nas hostes pedessistas e beneficiou-se do espaço político deixado pela morte do deputado federal Ernani Sátyro em Patos, sua terra natal e base política.

Dos três deputados da Aliança que se candidataram novamente à Câmara, apenas dois foram reeleitos: Edme Tavares e Adauto Pereira.

Dos 5 eleitos, 4 são do PFL, apenas um é do PDS: Adauto Pereira, da facção sertaneja do Grupo da Várzea, cuja base política é Pombal, onde em 1982 obteve 6.389 votos, sendo o 5º deputado do mais bem votado do Estado com 47.600 votos.

Evaldo Gonçalves, ex-deputado estadual eleito em 1982 pelo PDS tem suas bases políticas no Curimataú e no Cariri (em 1982 obteve suas maiores votações em Sumé e Cuite).

Edma Tavares - o 6º deputado federal mais votado em 1982 com 46.305 votos - tem suas bases políticas em Cajazeiras, onde, em 1982, obteve 6.932 votos.

Adauto Pereira, Evaldo Gonçalves e Edma Tavares conservaram o voto de suas bases políticas interioranas, sendo que Evaldo foi bem votado em Campina Grande, com 7.395 votos.

Lúcia Braga e, em menor medida João da Mata, são os pefelistas que apresentaram um perfil de votação com um componente urbano mais significativo. Lúcia Braga foi bem votada nas áreas urbanas de João Pessoa, Bayeux, Guarabira e Santa Rita, assim como nas bases políticas sertanejas do seu esposo Wilson Braga: Coqueição e Piancó. Foi a candidata mais bem votada do PFL-PDS à Câmara Federal, devido ao seu trabalho junto às periferias urbanas na FUNSAT, durante o governo de Braga, assim como as "dobradinhas" com pelo menos cinco deputados estaduais.

João da Mata é estreante na política. Ex-funcionário da SUDENE, ligado ao ex-ministro Mário Andreazza, é hoje um próspero empresário, dono de um grupo de indústrias do ramo alimentar. Sua maior votação, em números absolutos e proporcionais, foi em Ubuzeiro, mas foi relativamente bem votado em João Pessoa, Souza e Campina Grande.

De todos os deputados federais, aquele que tem um perfil de voto mais tipicamente urbano é Antônio Mariz, com 40.057 votos em João Pessoa e excelente votação em Souza, Sapé, Bayeux e Santa Rita.

Cássio Cunha Lima só teve votação maciça em Campina Grande, 41.005 votos, e uma tímida votação em João Pessoa e Santa Luzia, o restante de sua votação apresenta-se pulverizada em municípios interioranos.

O perfil sócio-econômico da bancada federal (Senadores e deputados) eleita em 1986 é o seguinte: um funcionário público, cinco proprietários urbanos, dois latifundiários e proprietários urbanos (um deles também é pecuarista) e seis empresários. Um dos empresários é do ramo das indústrias alimentícias, o outro, além de grande empresário, é também grande proprietário urbano; os quatro restantes são empresários rurais, sendo que três são também proprietários urbanos e um deles proprietário rural e agropecuarista.

Pode-se concluir que o empresariado está muito bem representado na Câmara Federal e no Senado (42,85 % dos eleitos são empresários), especialmente o setor agro-industrial. Também é considerável a proporção de proprietários urbanos (35,71 % dos eleitos são apenas proprietários urbanos). Porém, se considerarmos a grande proporção de empresários rurais eleitos, somados aos latifundiários e ao empresariado que também tem propriedades fundiárias, percebe-se que os interesses das classes proprietárias rurais tem um peso considerável na representação paraibana na Constituinte (50 % dos eleitos são proprietários ou empresários rurais).

A classe dominante controla simultaneamente várias áreas econômicas, o que se reflete na bancada federal: 42,85 % dos eleitos tem propriedades ou desenvolvem atividades em mais de um setor econômico.

É significativo o número de estreantes na política: 5 deles (35,71 %) nunca exerceram qualquer cargo eletivo, embora, como foi frisado anteriormente, vários representem interesses e facções oligarquicas da classe dominante. Dois dos estreantes na política: um Senador e um Deputado Federal, são grandes empresários.

## A Assembleia Legislativa

O PMDB elegeu 14 deputados estaduais em 1982, deles apenas três não se candidataram novamente em 1986: Edivaldo Motta, que se elegeu deputado federal; Marcus Odilon que foi candidato a Vice-governador na chapa da Aliança Trabalhista Liberal e Américo Sérgio Maia. Este último retirou-se da política, sendo substituído na Assembleia Legislativa por seu sobrinho José Otávio Maia, filho do Coronel José Sérgio, de Catolé do Rocha, base política do clã familiar a que pertencem também o Ex-Ministro João Agripino, seu filho João Agripino de Vasconcelos Maia - que o substituiu na Câmara Federal - e o deputado federal Antônio Mariz.

A bancada do PMDB foi a que mais cresceu - elegeu 17 deputados - e sobretudo a que mais se renovou: apenas 5 deputados foram reeleitos. Os 12 restantes exercerão o seu primeiro mandato na Assembleia Legislativa.

A Coligação Democrática apresentou quatro candidatos da ala esquerda do PMDB, cuja votação é predominantemente de cunho ideológico: Emília Correia Lima, candidata pela legenda do PCB; Simão Almeida, candidato pela legenda do PMDB, embora apoiado pelo PC do B; Sônia Germano candidata pela legenda do PMDB, membro do MR8, vereadora eleita pelo PMDB em 1982; e Antônio Augusto Arroxelas, ex-vereador de João Pessoa, eleito em 1982 pelo PMDB, o único a se eleger, no décimo sétimo lugar, com 10.150 votos. Simão Almeida ficou na 3ª suplência, com 8.154 votos, Emília Correia Lima na 7ª suplência, com 6.921 votos e Sônia Germano na décima-segunda suplência, com 4.749 votos.

Apesar de vitorioso, o PMDB ficou minoritário na Assembleia Legislativa, já que a Aliança - apesar de ter perdido três deputados dos 22 que elegeu em 1982 - fez 19 deputados, dois mais do que o PMDB.

Porém, logo após as eleições, vários dos deputados da Aliança tentaram ingressar no PMDB.

Dos eleitos em 1982 pelo PDS, apenas dois não se candidataram à Assembleia em 1986: João Ribeiro e Evaldo Gonçalves, que se elegeu deputado federal.

Dos eleitos em 1986, dez são do PFL e nove do PDS. A base da Aliança foi a que menos se renovou: dos 19 eleitos, 15 foram reconduzidos nos seus mandatos.

Nenhum dos partidos menores conseguiu fazer sequer um deputado estadual.

O deputado estadual mais votado do PFL-PDS é Afrânio Bezerra, de tradicional família oligárquica do Brejo e um dos membros do Grupo da Várzea. Desde 1974, o deputado estadual mais votado era sempre um membro deste grupo. No pleito de 1986, esta tradição foi quebrada: os dois deputados mais votados foram do PMDB, João Máximo Malheiros Feliciano e José Carlos Candeia, ficando Afrânio Bezerra em terceiro lugar.

O Grupo da Várzea era formado por seis deputados estaduais e dois federais. Ele representa a união político-eleitoral do grupo sertanejo dos Pereira de Pombal com o usinismo açucareiro dos Veloso Borges e Ribeiro Coutinho. Os dois grupos são unidos também por laços familiares.

O Grupo da Várzea perdeu o deputado federal Joacil de Brito Pereira, que teve apenas 26.062 votos, 37 % de sua votação em 1982 (70.262 votos). Todos os outros deputados membros do Grupo conseguiram reeleger-se, embora tivessem sua votação sensivelmente diminuída<sup>(12)</sup>.

O Grupo permanece forte, embora seu desempenho eleitoral tenha sido mais fraco do que em 1982. Isto deveu-se não só à forte ofensiva do PMDB como também à penetração nas áreas de influência de alguns membros do Grupo, especificamente de Joacil Pereira, de Candidatos da própria Aliança: Lúcia Braga, João da Mata e Oswaldo Trigueiro.

(12) Afrânio Bezerra passou de 41.609 votos em 1982 para 17.910 em 1986. Fernando Milanez, de 20.132 para 10.589. Aécio Pereira, de 16.619 para 10.578. Francisco Pereira, de 14.243 para 12.271. Carlos Pessoa Filho, de 14.285 para 11.079. Adauto Pereira de 46.600 para 33.128. Enivaldo Ribeiro (16.217) substituiu seu irmão na Assembleia, João Ribeiro, que em 1982 teve 17.105 votos.

## As Causas da Vitória

A vitória do PMDB deve-se à somatória de vários fatores ligados a mudanças da conjuntura nacional, à própria figura do candidato a governador do partido e a algumas variáveis conjunturais que mudaram ora as regras do jogo político, ora as condições em que se deu o combate eleitoral.

A mudança na conjuntura nacional - campanha pelas eleições diretas; Nova República - foi um fator que atuou em todas as unidades da Federação, fazendo do PMDB um rolo compressor vitorioso em 22 dos 23 estados brasileiros. O Nordeste, tradicionalmente governista, devido a sua dependência econômico-financeira do governo federal, não poderia fugir a regra. Nesta região, o PDS, base do sistema político anterior, remanejou seus quadros para o PFL, entrando assim na Aliança Democrática e, consequentemente, no esquema de sustentação do Governo Federal.

O passado pedessista de Sarney foi minimizado, sendo assimilado pelo povo como membro do PMDB. Isto, unido à popularidade do Plano Cruzado I, beneficiou o PMDB nas urnas.

Burity se posicionou favorável às diretas desde a primeira hora, assim como também apoiou decididamente Tancredo e tentou organizar o PFL na Paraíba. Assim fazendo, arriscou sua carreira política, apostando nas mudanças quando ainda a situação nacional estava indefinida e, na Paraíba, o então governador Wilson Braga, apoiava, primeiro Mário Andreazza e depois Paulo Maluf.

Assim sendo, quando a Nova República se consolidou, Burity foi imediatamente identificado com ela pelo povo. Simultaneamente, ele se transformara também num catalizador do anti-briguismo, canalizando a insatisfação popular com o governo anterior desgastado pelo seu envolvimento em atos de crime e corrupção, divulgados amplamente pela imprensa local e nacional.

No sertão, Burity recebeu o chamado "voto da emergência" que foi decisivo, já que, como vimos, é o sertão a região re

sidual do voto conservador, preso às chefias tradicionais, ao governismo, aos remanescentes do coronelismo.

A ausência de casuismos eleitorais, principalmente a inexistência do voto vinculado, possibilitou que o PMDB recebesse o voto para os cargos majoritários, mesmo quando o voto das eleições proporcionais era dado aos candidatos apoiados pelas chefias locais tradicionais, ligados ao PDS-PFL.

O paroquialismo é um traço típico das eleições proporcionais em todo o estado. Grupos econômicos, famílias oligárquicas e chefias neo-coronelísticas continuam a eleger seus membros, ou representantes. Por esta razão, entre outras, seria precipitado concluir que a vitória do PMDB nas eleições majoritárias significa a morte ou o declínio das oligarquias.

O próprio PMDB está eivado de ex-arenistas e de grupos familiares oligarquicos.

Em 1982 a vinculação de voto e a simultaneidade das eleições, a todos os níveis, municipalizaram o pleito, beneficiando o PDS. Em 1986, além de não existir a vinculação, também não houve eleições para as prefeituras, o que também beneficiou o PMDB.

O PDS-PFL controlava 78 % das prefeituras, mas como elas não estavam em questão, os prefeitos não se empenharam no pleito. Além do mais, o dinheiro não corria tão abundantemente como no pleito passado, provocando a insatisfação de muitos prefeitos com o governo. (13)

Algumas prefeituras aderiram ao PMDB, como as de Congo, Serra Branca, Curral Velho e Santa Cruz. Em outras o prefeito não aderiu, mas mandou seu eleitorado votar na oposição como nas de Diamante e São José dos Cordeiros. Outros prefeitos aderiram, embora mais discretamente, como o de São João do Cariri. (14)

(13) Depoimento de Mario Silveira, peemedebista ortodoxo, homem próximo de Humberto Lucena, atual diretor de Recursos Humanos do Banco do Brasil. O depoimento foi dado um mês antes das eleições, até então a cúpula do PMDB calculava que o governo gastaria menos do que o esperado.

(14) Depoimento de Mário Silveira, em 10.XI.86.

Algumas adesões de chefias políticas interioranas foram importantes para o PMDB, como a do candidato a deputado federal Francisco Matias Rolim, de Cajazeiras, cuja contribuição foi estimada em 15.000 votos. A do ex-prefeito e candidato a deputado estadual, eleito, Antônio Medeiros, cuja contribuição foi estimada em torno de 10.000 votos, e as de Antônio Nominando Diniz em Princesa Isabel e a de Antônio Leite Montenegro em Piancó.

Entre as mudanças conjunturais que propiciaram a vitória da Coligação Democrática se destaca a atuação do Tribunal Regional Eleitoral, do Tribunal de Contas do Estado e da Imprensa.

O Tribunal Regional Eleitoral teve uma atitude extremamente vigilante, garantindo a lisura do pleito. Nisto foi auxiliado pelo programa "Olho nas urnas", promovido pelo PMDB para evitar as tradicionais fraudes que, desta vez, foram bastante inibidas.

O Tribunal de Contas do Estado - cujo Presidente e vários Conselheiros são conhecidos peemedebistas - não só fiscalizou zelosamente as contas do governo de Braga, como rejeitou sua prestação de contas.

Braga afastou-se do governo para candidatar-se a Senatória, deixando no seu lugar um seu preposto, Milton Cabral, eleito indiretamente pela Assembléia Legislativa, à época com ampla maioria governista. O governo reagiu à rejeição das contas de Braga pelo Tribunal de Contas do Estado, cassando os seus poderes e subordinando-o, mediante um artifício legal, a Assembléia Legislativa. O Tribunal reagiu, afirmando que fiscalizaria as contas do governo de qualquer maneira e que convocaria a imprensa para que acompanhasse os trabalhos.

As notícias sobre as irregularidades do governo, em plena campanha eleitoral, caíram como uma bomba sobre a opinião pública.

A imprensa vinha desempenhando um papel decisivo desde 1985, bem diferente de sua atuação no pleito de 1982, quando com exceção do semanário - então marizista - "O Momento", foi totalmente colocada a serviço do governo. Dois dos principais diários do estado: O Norte e o Correio da Paraíba, deram total cobertura à oposição. O primeiro por ser sua diretoria partidária de Burity. O segundo, por estar em pé de guerra contra Wilson Braga, desde o assassinato <sup>de um</sup> sócio-proprietário, Paulo Brandão, no qual estava envolvido o chefe da casa militar do ex-governador.

Finalmente, a própria estratégia eleitoral de Braga teve um efeito desagregador para a Aliança. Wilson Braga aparecia sempre, durante a campanha, como a figura principal, polarizando a eleição e prejudicando Marcondes Gadelha. A sua esposa, D<sup>ca</sup> Lúcia Braga - candidata a deputada federal mais votada da Aliança - penetrou em áreas de influência de correligionários e desarticulou acordos para efetuar suas próprias e numerosas dobradinhas. Isto provocou atritos sérios nas hostes governistas.

### Fatores de mudança:

Atribuímos a vitória do PMDB na Paraíba a somatória de uma série de variáveis conjunturais. Porém, não podemos deixar de alertar para uma série de mudanças estruturais que se perfilam e que, se não foram decisivas para a vitória da oposição em 1986, poderão a médio ou longo prazo modificar o perfil político do estado e deslanchar mudanças sociais.

A luta pelo uso e posse da terra tem multiplicado as áreas de tensão social em proporções geométricas: em 1960 eram apenas 6, em 1970, 60, atualmente há 120 cadastrados pelo INCRA, mas já somam 130, segundo a FETAG.

Também se observam modificações importantes no movimento sindical rural. Em 1982, apenas dois destes sindicatos declararam abertamente apoiar a oposição.<sup>(15)</sup> Na ocasião, percebia-se uma desvinculação entre movimento sindical e luta político-partidária, mesmo nos municípios da região brejo-litorânea, onde a luta por melhores salários e condições de trabalho e pela posse da terra era mais acentuada.

A criação da CUT, em 1983, teve efeitos consideráveis sobre o movimento sindical. Em 1984, já havia 19 sindicalistas ligados à CUT e ao PT, o que corresponde à quase totalidade da área brejo-litorânea.<sup>(16)</sup> Atualmente há pelo menos doze sindicatos ligados à CUT, entre eles vários do sertão, dos quais cerca de oito seguem a orientação da CUT, embora não estejam filiados a ela; dezoito possuem uma oposição ligada à CUT e seis seguem a orientação do PT ou de algum dos Centros de Defesa dos Direitos Humanos, da Arquidiocese ou do Petista Wanderley Caixe.<sup>(17)</sup>

---

(15) Alhandra e Pitimbú, na zona litorânea. Ver "A fome não tem partido" de Nely Cavalcanti, textos NDIHR, nº 10. João Pessoa, 1985. p 26.

(16) Ver relatório do CENTRU. 24/11/84.

(17) Dados de um levantamento preliminar do NDIHR sobre os 41 Sindicatos rurais da Paraíba.

Tudo leva a crer que caminhamos para uma maior vinculação, no futuro; entre movimento sindical e luta político-partidária.

A Arquidiocese, oficialmente, não apoiou nenhum partido. Elaborou uma Cartilha Eleitoral com informações objetivas sobre a eleição e com um perfil social e político dos candidatos a Constituinte, para orientar o voto do eleitorado. Na missa dominical, os fiéis receberam, durante dez semanas, um boletim com informações sobre temas como: o valor do voto, a Constituinte, a Reforma Agrária, e problemas comunitários. Os fiéis foram orientados sobre "Quem não deveria ser eleito, foram elencados 15 itens passíveis de descredenciar candidatos, tais como "quem votou contra as Eleições Diretas para Presidente da República e, agora para Governador da Paraíba... quem defende os interesses dos latifundiários e empresários... quem está envolvido em assassinatos de pessoas que lutaram pela libertação do povo, ou recebe apoio dos mandantes..."<sup>(18)</sup>

Sabe-se que existem, no seio da Igreja, posições consideradas por alguns mais avançadas do que a da própria Arquidiocese. Muitos militantes das comunidades de Base trabalharam pessoalmente pelo PT.

O PT, que teve um discreto crescimento estatístico,<sup>(19)</sup> sofre uma certa dificuldade de expansão, talvez pelo fato de disputar a mesma faixa ideológica dos Partidos comunistas. Com o PMDB no poder se abre para o PT a oportunidade de tornar-se o principal partido de oposição.

O PL - de tendência moderada e ideologia social-democrata - que, nas eleições municipais de 1985, fora mais bem votado do que o PT, desta vez ficou bastante aquém deste em todas as faixas onde concorreu.

(18) A verdade vos libertará. 3 Quem não deve ser eleito. Zonal Urbano e CDDH da Arquidiocese da Paraíba. Boletim Dominical, 1986

(19) Para o Governo do Estado obteve 1,30 % da votação total enquanto que, em 1982, obteve apenas 0,40 %. Para o Senado, a Câmara Federal e a Assembléia Legislativa, obteve respectivamente 1,23 %, 0,15 % e 1,15 % do total de votos.

ESTADO DA PARAIBA. ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR DO ESTADO. RELAÇÃO DE MUNICÍPIOS ONDE O PDS-PFL  
(ALIANÇA TRABALHISTA LIBERAL) FOI MAJORITÁRIO POR MICRORREGIÕES E REGIÕES FISIOGRAFICAS

= 1986 =

MUNICÍPIOS	MICRO REGIÕES	REGIÕES FISIOGRAFICAS
Liceia	93. Litoral Paraibano	1. Litoral e Mesa
Materace	93. " "	1. " "
Areia	93. Brejo Paraibano	4. Zona do Brejo
Caçara	92. Planície da Borborena	2. Agreste e Caatinga Litorânea
	92. " "	2. " " "
Areial	97. Agreste da Borborena	5. Borborena Oriental
Montada	97. " "	5. " "
Cabezeiras	96. Cariris Velhos	6. Borborena Central
Barra de São Miguel	96. " "	6. " "
São João do Cariri	96. " "	6. " "
Canal	96. " "	6. " "
São João do Tigre	96. " "	6. " "
São Sebastião do Umbuzeiro	96. " "	6. " "
Prata	96. " "	6. " "
Umbuzeiro	96. " "	2. Agreste e Caatinga Litorânea
Cubati	90. Sertão Paraibano	6. Borborena Central

Frei Martinho	90	Serido Paraiaba	6	Borjorema Central
Santa Luzia	95	Depressão do Alto Piranhas	3	Serido
Juoco do Serido	95	" " "	3	"
São José do Salgado	95	" " "	3	"
Enas	95	" " "	3	Sertão de Piranhas
Desterro de Maltes	95	" " "	3	" "
Coremas	95	" " "	3	" "
Nazareziho	95	" " "	3	" "
Caciuba de Arcia	95	" " "	3	" "
Passagem	95	" " "	3	" "
Salgadoinho	95	" " "	3	" "
Arariar	95	" " "	3	" "
Santana dos Garrotes	95	" " "	3	" "
Brejo dos Santos	39	Catole do Rocha	3	" "
Jerico	39	" "	3	" "
Brejo do Cruz	39	" "	3	" "
Serra Grande	94	Sertão de Cajazeiras	9	Sertão do Oeste
Santa Helena	94	" "	9	" "
Carrapateira	94	" "	9	" "
Conceição	94	" "	9	" "
Santana de Mariz eira	94	" "	9	" "

Pri cesa Isabel	100	Serre do Teixeira	7	Sertão Alto
Agua Branca	100	" "	7	" "
Mãe D'Água	100	" "	7	" "
Desterro	100	" "	7	" "
Teixeira	100	" "	7	" "

ESTADO DA PARAIBA ELEIÇÕES PARA O GOVERNO DO ESTADO CLASSIFICAÇÃO DOS MUNICÍPIOS ONDE O PDS-PFL (ALIANÇA TRABALHISTA LIBERAL), FOI MAJORITARIO. POR MICRORREGIÕES. 1986.

MICRORREGIÕES	Nº TOTAL DE MUNICÍPIOS POR MICRORREGIÃO	Nº MUNICÍPIOS PRÓ ALIANÇA TRABALHISTA LIBERAL
91. CURIMATAU	07	00
99. AGROPASTORIL DO BAIXO PARAIBA	09	00
93. LITORAL	17	02
98. BREJO PARAIBANO	09	01
92. PIEMONTE DA BORBOREMA	17	02
97. AGRESTE DA BORBOREMA	12	02
96. CARIRIS VELHOS	22	03
90. SERIDÓ PARAIBANO	07	02
95. DEPRESSÃO DO ALTO PIRANHAS	33	12
89. CATOLÉ DO ROCHA	03	03
94. SERTÃO DE CAJAZEIRAS	21	05
100. SERRA DO TEIXEIRA	09	05

ESTADO DA PARAIBA VOTAÇÃO PARA O GOVERNO DO ESTADO DE TARCÍLIO DE MIRANDA BURITY - MAIORES VOTAÇÕES  
 POR ZONAS ELEITORAIS EM NÚMEROS ABSOLUTOS E EM % SOBRE O TOTAL DE VOTANTES 1936.

ZONAS ELEITORAIS	NUMEROS DE VOTOS	% SOBRE TOTAL DE VOTANTES
1ª, 61ª, 70ª João Pessoa	116.063	61,05
16ª, 17ª, 71ª, 72ª Campina Grande	67.473	56,61
35ª, 63ª Souza	29.424	53,16
28ª, 65ª Patos	23.010	62,04
2ª Santa Rita	20.097	51,42
4ª Sapé	19.329	61,007
42ª, 68ª Cajazeiras	13.437	62,43

ESTADO DA PARAÍBA - VOTAÇÃO PARA O GOVERNO DO ESTADO DE MARCONDES GADELHA (ALIANÇA TRABALHISTA LIBERAL)  
 MAIORES VOTAÇÕES POR ZONAS ELEITORAIS EM Nº<sup>S</sup> ABSOLUTOS E EM % SOBRE O TOTAL DE VOTANTES 1936.

ZONAS ELEITORAIS	Nº VOTOS	% SOBRE TOTAL DE VOTANTES
1ª, 61ª, 70ª João Pessoa	55.537	29,19
16ª, 17ª, 71ª, 72ª Campina Grande	37.796	30,73
2ª Santa Rita	12.905	33,01
26ª Catole do Rocha	11.015	39,10
10ª Guarabira	10.742	34,03
30ª Teixeira	10.726	47,25

## TABELA Nº 05

ESTADO DA PARAÍBA - VOTAÇÃO PARA O SENADO DE HUMBERTO LUCENA. MAIORES VOTAÇÕES POR ZONAS  
ELEITORAIS EM NÚMEROS ABSOLUTOS E EM % SOBRE O TOTAL DE VOTANTES. 1936.

Z O N A S	Nº DE VOTOS OBTIDOS	% SOBRE TOTAL DE VOTANTES
1ª, 64ª, 70ª João Pessoa	101.976	53,6
16ª, 17ª, 71ª, 72ª Campina Grande	62.821	45,09
2ª Santa Rita	16.966	43,41
4ª Sapé	16.570	51,72
63ª Bayeux	14.199	50,59
11ª Areia	13.617	37,77
31ª Pombal	13.605	48,44

ESTADO DA PARAÍBA - VOTAÇÃO PARA O SENADO DE R. LIRA - MAIORES VOTAÇÕES POR ZONAS ELEITORAIS EM Nºs ABSOLUTOS E EM % SOBRE O TOTAL DE VOTANTES. 1986

ZONAS	Nº VOTOS	% SOBRE O TOTAL DE VOTANTES
1ª, 64ª, 70ª João Pessoa	176.165	55,93
16ª, 17ª, 71ª, 72ª Campina Grande	64.402	46,24
63ª, 35ª Souza	25.040	49,47
23ª, 65ª Patos	23.280	51,47
2ª Santa Rita	16.940	43,34
4ª Sapé	16.169	49,74
61ª Bayeux	14.789	52,72
42ª, 68ª Cajazeiras	14.221	48,08
31ª Pombal	14.193	50,53
10ª Guarabira	13.685	43,36

## T A B E L A Nº 07

ESTADO DA PARAÍBA - VOTAÇÃO PARA O SENADO DE WILSON BRAGA. MAIORES VOTAÇÕES PARA A SENATÓRIA  
 POR ZONAS ELEITORAIS EM NÚMEROS ABSOLUTOS E EM % SOBRE O TOTAL DE VOTANTES 1986.

Z O N A S	NUMEROS DE VOTOS	% SOBRE O TOTAL DE VOTANTES
1ª, 61ª, 70ª João Pessoa	55.729	29,31
16ª, 17ª, 71ª, 72ª Campina Grande	27.171	22,7
2ª Santa Rita	11.219	28,70
34ª Princesa Isabel	9.796	34,49
10ª Guarabira	9.450	29,94
36ª Catolé do Rocha	8.922	31,73
30ª Teixeira	8.702	38,34

ESTADO DA PARAÍBA - VOTAÇÃO PARA O SENADO DE WILSON BRAGA. MAIORES VOTAÇÕES POR ZONAS ELEITORAIS PROPORCIONALMENTE AO TOTAL DE VOTANTES, ESPECIFICADA POR MICRORREGIÕES E ZONAS FISIOGRAFICAS

= 1986 =

ZONA ELEITORAL	% NÚMERO DE VOTANTES	MICRO REGIÃO	ZONA FISIOGRAFICA
21ª Cabezeiras	46,26	96. Cariris Velhos	6. Borborema Central
41ª Conceição	43,66	94. Sertão de Cajazeiras	9. Sertão do Oeste
52ª Coremas	41,99	95. Depressão A. Piranhas	8. Sertão de Piranhas
57ª Cabedelo	40,93	93. Litoral Paraibano	1. Litoral e Mata
26ª Santa Luzia	39,57	95. Depressão A. Piranhas	3. Seridó
30ª Teixeira	38,34	100. Serra de Teixeira	7. Sertão Alto
32ª Piancó	37,73	95. Depressão A. Piranhas	8. Sertão de Piranhas

ESTADO DA PARAÍBA: VOTAÇÃO PARA O SENADO DE WILSON BRAGA, RAIMUNDO LIRA E HUMBERTO LUCENA NAS ZONAS ELEITORAIS ONDE BRAGA OBTVE MAIOR VOTAÇÃO EM NÚMEROS ABSOLUTOS E EM % SOBRE O TOTAL DE VOTANTES.

= 1936 =

ZONAS ELEITORAIS	Wilson Braga		Raimundo Lira		Humberto Lucena	
	Nº VOTOS	% SOBRE TOTAL DE VOTANTES	Nº VOTOS	% SOBRE TOTAL DE VOTANTES	Nº VOTOS	% SOBRE TOTAL DE VOTANTES
1ª, 6ª, 7ª João Pessoa	56.729	29,31	106.165	55,93	101.976	53,6
16ª, 17ª, 71ª, 72ª Campina Grande	27.171	22,7	64.402	46,24	62.321	45,79
2ª Santa Rita	11.219	28,70	15.734	44,43	16.966	44,41
34ª Princesa Isabel	9.796	34,49	10.213	35,96	9.923	34,93
10ª Garabira	9.450	29,94	13.635	43,36	13.617	43,14
36ª Catole do R.	3.922	31,73	12.573	44,72	12.003	42,71
30ª Teixeira	8.702	38,34	6.703	29,53	6.415	28,26

## T A B E L A Nº 10

ESTADO DA PARAÍBA. VOTAÇÃO PARA O SENADO DE WILSON BRAGA, RAIMUNDO LIRA E HUMBERTO LUCENA NAS ZONAS ELEITORAIS ONDE WILSON BRAGA OBTVE MAIOR VOTAÇÃO PROPORCIONALMENTE AO NÚMERO TOTAL DE VOTANTES

= 1986 =

ZONAS ELEITORAIS	WILSON BRAGA % SOBRE TOTAL DE VOTANTES	RAIMUNDO LIRA % SOBRE TOTAL DE VOTANTES	HUMBERTO LUCENA % SOBRE TOTAL DE VOTANTES
21ª Cabaceiras	46,26	23,65	43,56
41ª Conceição	43,66	31,06	28,79
52ª Coremas	41,99	30,35	27,62
57ª Cabedelo	40,93	41,87	37,32
26ª Santa Luzia	39,57	40,73	40,10
30ª Teixeira	38,34	29,53	23,26
32ª Piancó	37,73	38,75	37,36

TEXTOS UFPB/NDIHR JÁ PUBLICADOS

1. Rastro da Tragedia  
Mauro Guilherme Pinheiro Koury - agosto/83
2. Preço da Terra, Taxa de Juros e Acumulação Financeira no Brasil.  
Claudio Antonio Gonçalves Egler - setembro/83
3. Movimentos Sociais e Meios de Comunicações: Paraíba 1917-1921  
Antonio Albino Canelas Rubin - outubro/83
4. A Contribuição à História dos Socialismos no Brasil: A Construção do Partido Socialista Brasileiro.  
Silvio Frank Alem - maio/84
5. O Solo Urbano e Desenvolvimento Capitalista.  
Tamara Tania Cohen Egler - outubro/84
6. Trabalho: O Capitalismo Adiantado e a Classe Operária Um Novo Sindicalismo.  
Joana Neves - Fevereiro/85
7. Sobre Bananas e Bananeiros: Produção Mercantil e Relações de Trabalho.  
Jacob Carlos de Lima - janeiro/85
8. Clientelismo e Máquina Estatal nas Eleições de 1982.  
Maria Antonia Alonso de Andrade - fevereiro/85
9. A Igreja Popular na Imprensa Paulista.  
Joana Neves - fevereiro/85
10. A Fome não tem Partido  
Maria Nely Cavalcanti - setembro/85
11. UFPB: Implicações Políticas e Sociais de sua História.  
Maria das Dores Limeira - Zeluiza da Silva Formiga  
abril /86
12. Neo-Coronelismo e Perspectivas Eleitorais na Nova Republica.  
Maria Antonia Alonso de Andrade - outubro/86
13. Catolé do Rocha - Notas a Propósito de um Domínio Oligárquico  
Neiliane Maia - maio/86

14. Cajazeiras: O Domínio do Clientelismo Eleitoral.  
Francisco Sales Cartaxo Rolim - julho/86
15. Reconstrução Histórica das Eleições na Paraíba (1945-1978)  
Rosa Maria Godoy Silveira
16. Urbanização desloca o centro do poder político.  
Plauro Mesquita de Andrade Setembro/87
17. As Eleições Municipais de 1985 em João Pessoa.  
Maria Antonia Alonso de Andrade - outubro/87
18. RELAÇÕES DE TRABALHO E RELAÇÕES DE PODER.  
Maria Antonia Alonso de Andrade - outubro/87

## MUNICÍPIOS

- 01-LUCENA  
 02-MATARACA  
 03-AREIA  
 04-CAICARA  
 05-AREIAL  
 06-MORTADA  
 07-CASCAVELAS  
 08-BARRA DE SÃO MIGUEL  
 09-SÃO JOÃO DO CARIRI  
 10-CAMALAU  
 11-SÃO JOÃO DO TIGRE  
 12-SÃO SEBASTÃO DO UMBUZEIRO  
 13-PRATA  
 14-UMBUZEIRO  
 15-CUBATI  
 16-FREI MARTINHO  
 17-SANTA LÚZIA  
 18-JUNCO DO SERIDO  
 19-SÃO JOSÉ DO SABUGI  
 20-EMAS  
 21-DESTERRO DE MALTA  
 22-CORENAS  
 23-NAZAREZINHO  
 24-CACIMBA DE AREIA  
 25-PASSAGEM  
 26-SALGADINHO  
 27-AGUIAR  
 28-SANTANA DOS BARROS  
 29-BREJO DOS SANTOS  
 30-JERICÓ  
 31-BREJO DE CRUZ  
 32-SERRA GRANDE  
 33-SANTA HELENA  
 34-CARRAPATEIRA  
 35-CONCEIÇÃO  
 36-SANTANA DE NANQUEIRA  
 37-PRINCESA ISABEL  
 38-ÁGUA BRANCA  
 39-MÃE D'ÁGUA  
 40-DESTERRO  
 41-TEIXEIRA

## MICROREGIÕES HOMOGÊNEAS

- 89 CATOLÉ DO ROCHA  
 90 SERIDÓ PARAIBANO  
 91 CURIMATAÚ  
 92 PIENONTE DA BORBOREMA  
 93 LITORAL PARAIBANO  
 94 SERTÃO DE CAJAZEIRAS  
 95 DEPRESSÃO DO ALTO PIRANHAS  
 96 CARIRIS VELHOS  
 97 AGRESTE DA BORBOREMA  
 98 BREJO PARAIBANO  
 99 AGRO PASTORIL DO BAIXO PARAÍBA  
 100 SERRA DO TEIXEIRA

ESTADO DA PARAÍBA - ELEIÇÕES PARA O GOVERNO DO ESTADO  
 MUNICÍPIOS ONDE O PDS - PFL (ALIANÇA TRABALHISTA LIBERAL) FOI MAJORITÁRIO  
 POR MICROREGIÕES HOMOGÊNEAS

ESTADO DA PARAÍBA

